Transtorno de Personalidade Antissocial: estudo das características sociodemográficas relacionadas aos escores brutos do Millon Clinical Multiaxial Inventory-III

Introdução

As pessoas que manifestam Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) apresentam dificuldades em se adequar às regras da sociedade e adotam comportamentos inapropriados, procurando obtenção de prazer. Tal atitude pode revelar um padrão de impulsividade conjuntamente com a incapacidade de avaliar as consequências para si e para as pessoas à sua volta (APA, 2002). Estudos apontam que uma vez que a psicopatia é classificada como transtorno de personalidade, só poderá ser diagnosticada a partir dos 18 anos de idade (Kaplan et al, 2003; Laranjeira, 2007). No caso das pessoas entre 15 e 18 anos é necessário observar se apresentam pelo menos sete dos sintomas listados no DSM-IV, sendo que em menor idade é necessário que se manifeste 15 desses sintomas ou mais (Kennealy, Hicks & Patrick, 2007). Seguindo essas orientações diagnósticas, o indivíduo que tiver menos de 18 anos é classificado como alguém com comportamento dissociativo e que pode ou não acarretar em TPAS no futuro (APA, 2002).

Além disso, estudos voltados para o diagnóstico do TPAS se deparam com o fato de que apenas um pequeno subgrupo de indivíduos com TPAS entra diretamente em conflito com a lei, sendo composto por pessoas muito eficientes em esconder as pistas deixadas por suas ações. Nesse caso, há grande dificuldade na identificação de indivíduos com traço mais característicos que possam dar margem a uma avaliação para um diagnóstico mais preciso. (Millon et al, 2004). Na atualidade, o que tem sido discutido é que o diagnóstico está além de um constructo psicológico, é preciso se considerar o contexto sociopolítico, tanto que há indícios de uma relação entre o aumento da incidência do TPAS e das taxas de aprisionamento com o avanço do

sucesso material das sociedades capitalistas ocidentais (Cordess et al, 2007). Outro fator que contribui para a dificuldade de se diagnosticar o TPAS é o fato de existirem vários subtipos dentro deste. Dessa forma, nem todas as pessoas que manifestam o transtorno apresentam graus de agressividade e de comportamentos semelhantes.

Investigar características sociodemográficas relacionadas à pontuação dos escores brutos da escala Transtorno de Personalidade Antissocial do Millon Clinical Multiaxial Inventory-III.

Método

Participantes

Participaram desse estudo 1359 homens e mulheres, entre 18 e 79 anos que moravam em cidades brasileiras e com níveis de escolaridade que variaram entre não alfabetizado, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Os participantes foram divididos em grupos clínico e não clínico, seguindo o critério de estar ou não passando por tratamento psiquiátrico ou psicológico. Essa forma de divisão se deu pela inexistência de critério de padrão ouro (*gold-standard*), nesse caso, os diagnósticos psiquiátricos.

Instrumentos

Além do MCMI-III foi utilizado como fonte de informação complementar o questionário sociodemográfico para informações como sexo, idade, escolaridade, residência, etc. O uso de tal questionário teve o objetivo de proporcionar maior conhecimento acerca das condições biopsicossociais de cada um dos sujeitos, ajudando a traçar um perfil referente a cada um dos grupos amostrais.

Procedimentos

Após submissão para apreciação ética e aprovação do Comitê de ética em pesquisa com seres humanos do Hospital Universitário Onofre Lopes (protocolo 324/09 e CAAE 0068.0.051.294-09), foram iniciados os contatos com as instituições participantes em todo país. Os participantes foram abordados, e após breve explicação do tema e do tempo de duração da pesquisa, foram conduzidos para sala separada, adequada à coleta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e administração dos instrumentos. Foi resguardada aos participantes a possibilidade de interrupção do processo a qualquer momento. Para os sujeitos sem histórico ou necessidade de atendimento psicológico/psiquiátrico (grupo não clínico) foram dadas as mesmas instruções, sendo a administração dos instrumentos individual ou grupal.

Análise de dados

Para a análise de dados foram realizadas estatísticas descritivas e de tendência central, ou seja, média e desvio-padrão, com a finalidade de se obter médias dos grupos e síntese de informações sócio-demográficas da amostra. O teste T de *Student* para amostras independentes foi usado visando investigar acerca de diferenças entre os grupos clínico e não clínico, Masculino e Feminino. Além disso, foi realizada a comparação das pontuações na escala de transtorno de personalidade antissocial considerando as faixas-etárias, níveis de escolaridade, profissões e estado civil dos participantes, utilizando-se a ANOVA com *post hoc* de *Bonferroni*.

O nível de significância estatística considerado em todas as análises foi de 5% (<0,05). Para todos os procedimentos estatísticos se utilizou o *Predictive Analytics Software* (PASW/SPSS) 18 for Windows.

Resultados

Foram obtidos 1359 protocolos, sendo 608 dos participantes (44,7%) de sexo feminino e 751 de sexo masculino, com idades entre 18 e 79 anos.

A amostra formada por mulheres contou com grupo clínico de $n=149$ e não clínico de $n=459$, os resultados apontaram para média maior entre o grupo clínico ($10\pm 5,9$), enquanto que o grupo não clínico apresentou média de $6,1\pm 3,7$ com $t=7,7$ e $p<0,001$. O grupo clínico masculino ($n=449$) apresentou média maior ($14\pm 5,4$) que o grupo não clínico ($n=302$ e $6,8\pm 4$), com $t=21,2$ e $p<0,001$.

Com relação as faixas etárias nas mulheres, estas apresentaram diferenças estatisticamente significativas ($F=6,9$; $p<0,001$) para os grupos entre 18 e 19 *versus* 20 e 29 anos ($p=0,05$) e 18 e 19 anos *versus* 40 e 49 anos ($p<0,001$), 18 e 19 anos *versus* 50 e 59 anos ($p<0,001$), 20 a 29 anos *versus* 50 e 59 anos ($p<0,03$). As médias foram maiores para os grupos mais jovens, ou seja, de 18 à 19 anos ($11,1\pm 5,2$) e entre 20 à 29 anos ($9,2\pm 4,7$). Os homens não apresentaram diferenças estatisticamente significativas com relação à idade.

Houve diferenças estatisticamente significativas para os grupos de diferentes níveis de escolaridade com significância de $p<0,001$ e $F=9,5$ na comparação entre os grupos Médio *versus* Técnico ($p<0,001$) e Médio *versus* Superior ($p<0,001$), Superior *versus* Pós-graduação ($p<0,03$). As médias foram maiores para os participantes que possuíam as escolaridades Média e Técnica. Considerando as profissões, foram identificadas diferenças entre médias entre os grupos Não Profissional *versus* Funções de Alta Complexidade ($p<0,001$), desempregados *versus* funções de alta complexidade ($p=0,01$), funções de alta complexidade *versus* funções de média complexidade ($p<0,001$), funções de alta complexidade *versus* funções de baixa complexidade ($p<0,001$). As médias foram mais altas para as funções de baixa e média complexidade.

Discussões

Os resultados encontrados corroboram também os achados internacionais acerca da escala antissocial do MCMI-III (Compton, Thomas, Stinson & Grant, 2007; Carvalho, Bartholomeu & Silva, 2010). Tais dados sugerem que as características referentes ao TPAS em homens permanecem estáveis e em mulheres tendem a ficar menos evidentes a partir do começo da idade adulta (APA, 2002).

A comparação entre grupos de diferentes escolaridades quanto aos traços de TPAS sugere que as pessoas que apresentam características antissociais tendem a ter um nível de escolaridade mediano, corroborando estudo recente de Black, Gunter, Loveless, Allen e Sieleni (2010). Juntamente à análise relativa ao nível de complexidade da função laboral, os dados sugerem uma tendência de as pessoas que apresentam características TPAS não exercerem cargos que possam exigir muita dedicação para serem realizados ou que necessitem uma maior escolaridade. Nos estudos de Kennealy et al. (2007) observou-se a presença de correlação negativa entre comportamentos antissociais e escolaridade.

Conclusões

Pôde-se observar que o instrumento é sensível em identificar pessoas que apresentam o transtorno de personalidade antissocial de pessoas que não o manifestam, justificando assim, os estudos para a validação de sua versão para o português brasileiro, sobretudo diante da escassez de instrumentos que avaliem além do transtorno supracitado, outros transtornos de personalidade diversos.

Referências

American Psychiatric Association. (2002). Diagnostic and statistical manual of mental disorders. 4. ed. Washington: APA.

Black D. W., Gunter T., Loveless P., Allen J. & Sieleni B. (2010). Antisocial personality disorder in incarcerated offenders: Psychiatric comorbidity and quality of life. *Ann Clin Psychiatry* mai; 22(2): 113-120.

Carvalho L. F., Bartholomeu D. & Silva M. C. R. (2010). Instrumentos para avaliação dos transtornos da personalidade no Brasil. *Aval Psicol.* ago; 9(2): 289-298.

Compton W. M., Thomas Y. F., Stinson F. S. & Grant B. F. (2007). Prevalence, Correlates, Disability, and Comorbidity of DSM-IV Drug Abuse and Dependence in the United States: Results From the National Epidemiologic Survey on Alcohol and Related Conditions. *Arch Gen Psychiatry* 64(5): 566-576.

Cordess C., Davidson K., Morris M. & Norton K. (2007). Transtornos Anti-Sociais do "Grupo B". In: Gabbard G. O, Beck J. S., Holmes J. *Compêndio de Psicoterapia de Oxford*. 1ª edição. Oxford: Artmed; p. 368-382.

Kaplan, H. B., Sadock, B. J. & Grebb, J. A. (2003). *Compêndio de psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 9ª edição. Porto Alegre: Artes Médicas.

Kennealy, P. J., Hicks, B. M. & Patrick, C. J. (2007). Validity of Factors of the Psychopathy Checklist-Revised in Female Prisoners: Discriminant Relation With Antisocial Behavior, Substance Abuse, and Personality. *Assessment* [online] 2007 dez; 14(4):323-340. Disponível em <http://asm.sagepub.com/cgi/content/abstract/14/4/323> [acesso em 2010 mar 10]

Laranjeira, C. A. (2007). A análise psicossocial do jovem delinquente: uma revisão da literatura. *Psicol estud.* ago; 12 (2): 221-227.

Millon, T., Grossman, S., Millon, C., Meagher, S. & Ramntah, R. (2004). Personality Disorders: classical foundation. In: Millon, T., Grossman, S., Millon, C., Meagher, S. &

Ramntah, R. *Personality Disorders in Modern Life*. New Jersey: John Wiley & Sons, p. 3-35.